

Dia' do Índio

Sertanista alerta sobre ação de lento etnocídio

Ainda esta semana, em sua residência, o sertanista Cláudio Villas Boas - responsável direto pela contactação dos índios Kranhacaré, mais conhecidos como Gigantes - voltou a prever o desaparecimento do índio brasileiro se não forem adotadas medidas imediatas para garantir a sua sobrevivência. Ao seu lado, o irmão Orlando Villas Boas enfatizava que os silvícolas não terão propriamente um destino, pois estão sujeitos ao processo de desenvolvimento sócio-econômico do País, e à margem de tudo o que constitui estímulos da civilização atual.

O sertanista Cláudio Villas Boas não tem ilusões quanto ao trágico destino dos índios. Depois de viver mais de 30 anos nas selvas brasileiras ele confessa que nunca atingiu seus verdadeiros objetivos. Todos os índios contactados foram perdendo, aos poucos, suas características, sua autenticidade, tendo sua cultura corrompida em contato com os civilizados. Consequentemente, deixaram de ser livres, de perpetuar sua cultura e, lentamente, perderam seus costumes e abandonaram sua arte. E mesmo que permaneçam em seu habitat natural sofrem a pressão constante do civilizado. É o maior agravante ainda é que no Brasil ainda não existe uma política indigenista capaz de manter o índio pacificado, longe do contato com os brancos, o que resulta na corrupção de seus costumes, no desvirtuamento de sua raça.

Cláudio, hoje, observa que antes do Descobrimento do Brasil, o índio era mais feliz, mais pleno e mais autêntico. "E hoje está sujeito a todo processo de evolução. Mas jamais uma pessoa que conheça a realidade do interior do País, e que se interesse pelo destino do índio, poderá considerar possível e humana a sua integração nas vanguardas da civilização".

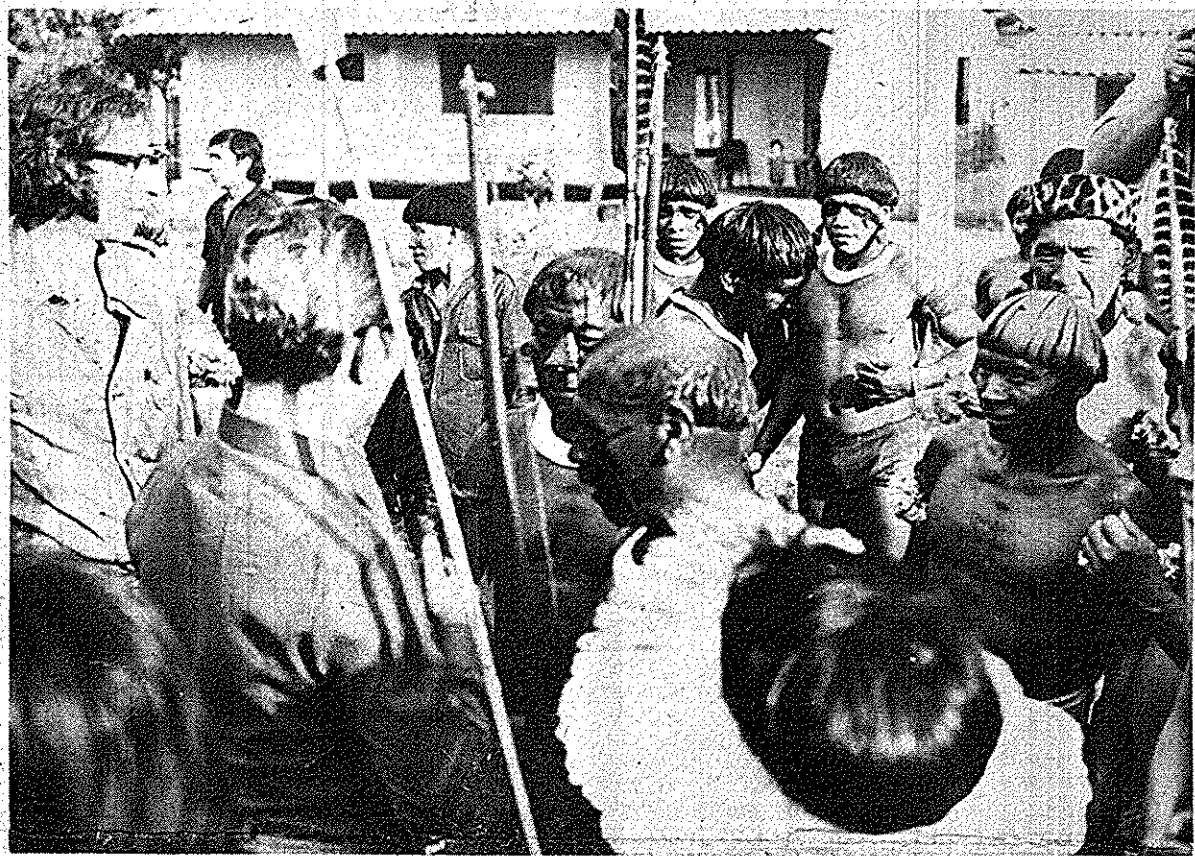
O sertanista observa que antes dos contatos com os civilizados, os índios viviam dentro da simplicidade do seu sistema de valores e movidos unicamente pelas estimulações próprias da sua cultura tradicional. "Eram povos - diz - não são auto-suficientes, mas absolutamente conscientes daquilo que eram como homens, como sociedade".

Etnocídio

Os sertanistas Cláudio e Orlando Villas Boas são de opinião que o problema do índio tem se agravado em função do deslocamento da fronteira geo-econômica em direção à Amazonia. Abertura de estradas, instalação de fazendas, derrubadas e queimadas de mata atingem o índio diretamente e violando os últimos e mais distantes recantos em que eles se instalam por pressão das frentes civilizadas da ocupação européia.

"Reduzidos em número e dispersos como se encontram - alerta Cláudio Villas Boas - não constituem, de maneira alguma, um obstáculo à expansão das nossas fronteiras geo-econômicas ou ao desenvolvimento do País. Apesar dessa circunstância por demais evidente, há uma situação de conflito que, se não chega a degenerar em conflito armado, poderá assumir - como já aconteceu em pontos isolados - o caráter de um verdadeiro etnocídio".

Para os irmãos Villas Boas a solução é a criação e manutenção de amplas reservas e parques, nos quais o índio receba diretamente da FUNAI, além de assistência médica, os utensílios, implementos e outros objetos indispensáveis. "Com tais medidas - diz Cláudio - poder-se-ia evitar que o índio, abandonando sua área, continuasse a frequentar núcleos civilizados, margens de rodovias, sedes de fazenda, aglomerados de garimpeiros, à procura das utilidades que o seduzem e onde, em troca do que obtém, seja vítima de todos os vícios, de tudo enfim que



Os índios do Xingu fazem reivindicações ao presidente da Funai

poderíamos classificar de fatores de desintegração, processo que, dadas as condições dos citados núcleos, começa, invariavelmente, pela dissolução da família".

O Mundo Indígena

A estrutura social, política e econômica do índio brasileiro é bastante simples. O índio, sob o ponto de vista social, é livre: sob o político, um socialista e, sob o econômico, independente.

Ao contrário da sociedade civilizada, o índio brasileiro vive numa sociedade de igual para igual. Como também na sociedade civilizada, toda tribo tem um líder. Só que esse não é imposto com o apoio de nenhuma força. Ele surge naturalmente, pela sua generosidade e a capacidade de manter a paz tribal.

O índio pode ter várias esposas, desde que consiga alimentá-las e mantê-las unidas. O divórcio entre eles se faz com o simples desarmar de uma rede. O adultério, por tradição, redundava em castigo físico, tanto para o homem como para mulher.

Uma coisa que impressiona o índio é o ciúme excessivo que o civilizado sente pela fêmea e sua ganância pela posse de terra e acúmulo de dinheiro.

Em geral, o índio é sexualmente livre. E se a mulher, em um ano de união conjugal, não tiver filho, ele poderá separar-se. No caso de o índio ser estéril, então, a sua mulher pode ter relação com outros índios: se ficar grávida, o marido não a deixará, mas se o filho nascer com defeito físico, naturalmente, é morto. O aborto também é praticado.

O mundo mítico dos índios, a base de sua sociedade, é povoado por *mamães*, espíritos protetores de lugares, rios, árvores, animais e coisas.

Seus Deus é Matutsinim que fez os homens, ornamentando tronco de árvore *Quarup*.

O índio se adorna e se pinta mais durante as festas. Em períodos normais vive praticamente nu.

Após o Descobrimento do Brasil, de cerca de 500 tribos existentes, apenas 150 sobreviveram. Destas, 50 estão à beira da extinção. Só nos últimos 50 anos, 87 tribos desapareceram.

Carta ao índio brasileiro

Aritana, capitão da tribo Iulapiti, espero que você transmita a todos os índios brasileiros essa carta que lhe escrevo.

Há muito tempo que a gente não conversa e nem se vê, Aritana. Mas acredito que você continua sendo o campeão de Uka-Uka no Xingu. E o mais belo e o mais forte dos índios xinguanos. Lembro-me, Aritana, quando seus braços fortes erguiam meu corpo franzino no Posto Leonardo Villas Boas, pertinho da casa onde o romancista José Mauro de Vasconcelos escreveu *Arraia Vermelha*. Lembro-me, ainda, Aritana, de quando a gente saía para pescar. Numa noite, jamais me esquecerei, pescamos uma pirarara de quase 40 quilos e pensei que teríamos comida para uma semana. Mas você, como verdadeiro chefe índio, distribuiu *nossa* comida para toda a aldeia. Foi nesse dia que me conscientizei de que todo civilizado era hipócrita, ranzinza e imbecil.

Hoje, Aritana, estou de novo morando naquilo que você chama de *cidade grande, capital dos caraibas*. Infelizmente, sou um caraiiba, esse homem branco domesticado, jamais civilizado. Reconheço sua razão quando você diz que nós não sabemos viver em comunidade. Recorde-me de uma vez que a plantação de milho da tribo Tikão foi destruída por violento temporal amazônico e a tribo dos Txukarramãe lhe forneceu toda a comida necessária. Seu tio, o grande pajé Takumã, chefe dos Kamaiorá, foi quem interveio e nenhum índio ficou sem ter o que comer.

Por estas e outras razões, Aritana, é que lhe escrevo. Quero lhe agradecer por tudo que você e todos seus irmãos - porque todo índio considera outro índio um irmão - me ensinaram. E o mais importante que aprendi foi amar, sem discriminação. E, vocês, índios, me ensinaram que a hipocrisia é hedionda e que uma gota de água de amor numa nascente de lagoa, vale mais do que todo o ódio da correnteza de um oceano.

Ah, Aritana! Neste dia, que é o seu dia nacional, gostaria de saber que o presidente da República baixou decreto delimitando suas áreas e, em consequência, garantindo a vocês todos a posse legítima dessa terra que tanto amam e preservam. Neste dia, que para vocês significa o passar de mais uma Lua, sentir-me satisfeito

e feliz se os posseiros e os grandes latifundiários se retraiam e deixassem que vocês continuassem vivendo livre e naturalmente como os pássaros.

Durante o *Quarup* - a festa anual em homenagem aos mortos - dê um abraço no cacique Takumã, que um dia me levou de canoa até a *Pousada dos Deuses*, um pouco além da lagoa Ipavu, onde suas ondas de água doce tentam imitar as ondas das águas salgadas do mar. Lá, me disse Takumã, havia pedras preciosas, bastantes preciosas, que os espíritos tinham jogado e quem mergulhasse para pegá-las sumiria no infinito. Mesmo sem ser supersticioso, me abtive de dar um mergulho na *Pousada dos Deuses* e fiquei deslumbrado com a riqueza das pérolas submersas.

Certa vez, Aritana, você me ensinou uma lição de amor. Estava no Posto Leonardo Villas Boas, quando uma jovem índia se aproximou de mim e me convidou para passear pela selva. Ela era casada com um índio Kalapalo. Rejeitei e você, serenamente, me avisou:

- Não faça isso! Mulher é a coisa que o índio tem de mais preciosa, se rejeitar, está ofendendo o orgulho do índio.

Fora isso, também aprendi outras lições. A de matar pássaros e animais apenas para a sobrevivência natural. Derrubar árvores somente quando necessário para a construção de uma taba, de uma canoa ou de qualquer coisa essencial para viver na selva.

Já sei. Você está querendo saber notícias de seus *papais*. Cláudio e Orlando Villas Boas. Falei com eles esta semana por telefone. Estão bem, mas morrendo de saudades do Xingu. Talvez ainda este ano eles apareçam aí para rever todos os seus amigos. Os dois irmãos, que viveram mais de 30 anos aí com vocês, dedicam-se agora a escrever livros e fazer conferências mostrando todo o valor de vocês. Sua cultura, seus hábitos, suas tradições. Mentalmente, eles continuam trabalhando por você e seu povo. Pode confiar, Aritana, os irmãos Villas Boas continuam com o cordão umbilical ainda preso no coração da floresta brasileira.

Aritana, espero um dia voltar aí e encontrá-lo forte e saudável, rever seu povo e exclamar satisfeito.

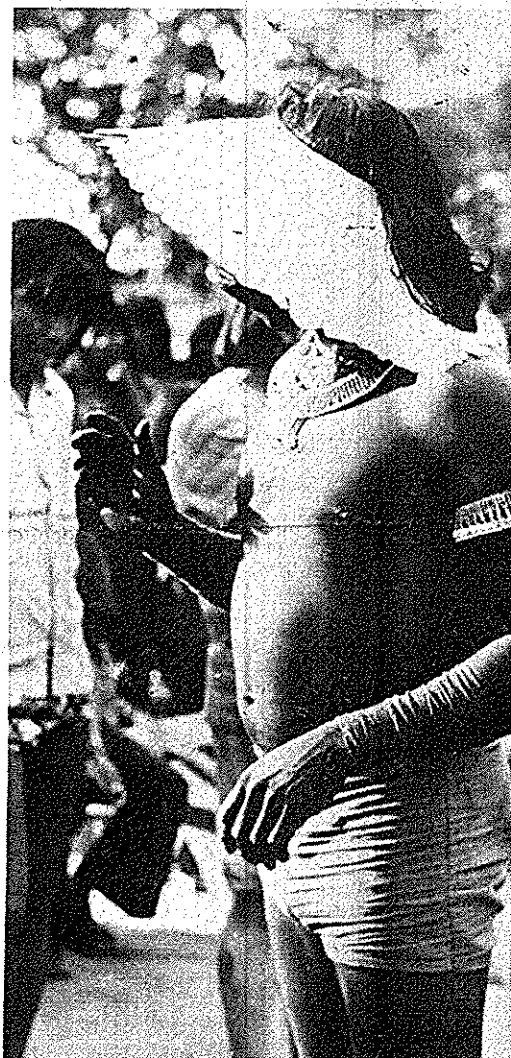
- O índio continua sendo um homem livre... (José Marquês)



Raoni, cacique botocudo dos Txukarramãe, conversa com Orlando Villas Boas



Os índios Kamaiorá são os de maior estatura



Raoni, botocudo, quer garantia para suas terras